

Avaliação do uso de material didático nos cursos de Biblioteconomia /Ciência da Informação no país, a nível de graduação

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. *Avaliação do uso de material didático nos cursos de Biblioteconomia/Ciência da Informação no país, a nível de graduação*. Rio de Janeiro, CNPq/IBICT/DEP, 1991. 45 p.

Em 45 páginas o trabalho da professora Nice Menezes de Figueiredo atinge o objetivo que se propôs: conhecer a bibliografia utilizada pelos cursos de Biblioteconomia, para identificar as disciplinas com cobertura insatisfatória e recomendar prioridade na produção de literatura especializada. Acabou, por circunstâncias oportunamente tornadas públicas, restringindo-se a apenas 10 escolas, além de deixar de fora a pós-graduação, inicialmente contemplada no projeto.

Em virtude, presumivelmente, de não haver o trabalho, ainda, sofrido o labor a que soem se submeter obras destinadas ao consumo público, há, ainda inúmeros *lapsus calami*, incorreções gramaticais e descuidos de linguagem, além de inconsistências no que respeita à ortografia e convenções quejandas, que tornam o de Camões (e nosso!) um idioma particularmente ingrato. Talvez se deva invocar aqui o *quandoque bonus dormitat Homerus*.

Há, também, de parte da autora, o vezo bem antibiblioteconômico de citar autores apenas pelo sobrenome, o que dificulta sobremaneira (ou, mesmo, impossibilita) sua identificação cabal.

Descobertas da pesquisa:

- obsolescência da bibliografia em todas as áreas, concentrando-se nas décadas de 60 e 70 as datas de publicações da maioria;
- inclusão de documentos irrelevantes, e mesmo não (pertinentes, em bibliografias de áreas especializadas;

- preponderância de bibliografia em língua portuguesa e de autores brasileiros;
- carência de manuais (práticos) de ensino, sobretudo nas disciplinas sobre Representação temática e Representação descritiva dos documentos;
- persistência, em algumas disciplinas, de "bibliografias contendo maioria de itens estrangeiros, quando já existem os nacionais adequados ou aceitáveis pelo menos"...

Os aspectos da realidade que a pesquisa revelou não constituem absoluta novidade, ou surpresa, uma vez que já faziam parte das expectativas dos que atuam nessa área. Mas foi (é) interessante conhecer algumas estatísticas dessa realidade.

Questionável me parece o padrão de realidade almejado que se buscou descobrir, descrever e propor, a partir dos critérios e da fórmula(!) divisados por Michel Menou. Esses critérios afiguram-se-nos nimiamente vagos, arbitrários, subjetivos (como a própria autora o admite), para constituírem a situação ideal de uma bibliografia, que, para ele (Menou), deveria ser, em sua totalidade:

"na língua nacional;
produzida por nativos;
atual (menos de sete anos);
na forma de material didático;
de autoria, isto é, reconhecido pela maioria das escolas, e
específico, isto é, sem itens muito gerais ou irrelevantes", (p. 3)

Surpresa ou não, resultou extremamente desagradável ao paladar deste escriba canhestro:

1. Verificar a existência (persistência) de uma pletera de disciplinas (62) que constituem o currículo de graduação das escolas analisadas. E não há de ser muito diferente a situação das que não o foram, pois não é de agora o viés, na Biblioteconomia, na direção de agregar cada vez mais disciplinas ao currículo, num aparente e incompreensível afã de transformar os profissionais da área em verdadeiros "enciclopedistas", Pico delia Mirandola tardios, quando a tendência (diria melhor, a realidade atual mundo em fora) é a especialização, sem a qual a prístina "cultura geral", aparentemente rebuscada nesses currículos, torna-se, no mínimo, inócua.
2. Constatar que essa congérie de disciplinas técnicas, mescladas a outras de cunho cultural-temático, constituem, com frequência, meros desdobramentos de antigas "matrizes", quase nada de substancialmente novo acrescentando ao que já proporcionavam suas genitoras.

Mesmo as chamadas disciplinas de natureza sócio-histórico-cultural (ainda minoria em relação às técnicas), não parecem mais afortunadas, sob esse aspecto, ministradas que são em semestres compridos, insuficientes para construir saber e cultura, ou mesmo mera erudição, quando o que se requer do bibliotecário de hoje e, seguramente,

do futuro, é cultura sólida, de preferência especializada, secundada pela(s) técnica(s), e pela(s) tecnologia(s), não por ela(s) substituída.

3. Descobrir (interpretar?) nas entrelinhas da pesquisa algo que parece subjacente ao esforço de "modernização(?)" dos sucessivos currículos de Biblioteconomia (tanto na graduação quanto na pós): certa porfia em (re)negar ao curso seu caráter tecnicista, emprestando-lhe feição "científica" através dessa cirurgia cosmética a que nos referimos, cujos resultados têm sido nefastos, pois ao mesmo tempo em que não se constrói cultura alguma (muito menos enciclopédica, de resto, indesejável) em um ou dois semestres de leituras mal digeridas, também não se devem pejar-se os profissionais da informação do caráter eminentemente técnico de sua profissão. O que não pode perdurar, ousamos sugerir, é o atual desdém em relação às (ou o descaminho das) disciplinas técnicas, numa profissão que é medularmente técnica, em nome de uma mal-orientada busca de conteúdo científico-cultural que desagua num enciclopédismo vazio, enganoso, inútil, para não dizer prejudicial.

Odilon Pereira da Silva

Bacharel em Filosofia e em Biblioteconomia, mestre em Ciência da Informação pela London University, Inglaterra. Professor do Departamento de Biblioteconomia da Universidade de Brasília (UnB) e diretor da Biblioteca Central da UnB.

Tabelas de classificação bibliográficas

BARITÉ, Mário. *Reformulación de tablas notacionales*. Montevideo, El Galeón, 1990. 35p. (Col. Ciências de la Información, 1).

Este folheto de 35 páginas, de Mário Barité, professor de classificação, na Escuela Universitária de Bibliotecología de Montevideo, Uruguay, tenta dessacramentalizar os sistemas de classificação bibliográfica, procurando, em primeiro lugar, salvaguardar sua utilidade, mesmo sabendo que nenhum sistema é intrinsecamente perfeito; e, em segundo lugar, afirmar que são flexíveis, podem e devem sofrer modificações e que existem para servir às finalidades das bibliotecas, centros de documentação ou similares.

Nesses dois questionamentos é que está o valor das tabelas de classificação bibliográfica, pois, como o próprio autor ressalta: "mesmo os sistemas de classificação mais utilizados no mundo - CDU, CDD e LC - possuem claras deficiências estruturais, rupturas lógicas, alto grau de dispersão, terminologia pobre e acentuadas manifestações enumerativas" (p. 9).

Assim, a única saída para evitar os prejuízos que causam um sistema incompleto, desatualizado ou mal estruturado, é a

agregação e intercalação de notações e conceitos novos, aos já existentes. O esquema geral dessas modificações compreende quatro itens: expansões, agrupamentos, integrações e combinações.

- a) As expansões são todas as formas de especificação das notações de uma tabela, além dos limites assinalados pelo sistema: criação de novas facetas, novos níveis de subdivisão, agregação de elementos externos à classificação, como o asterisco, já existente, ou aproveitar as próprias indicações da tabela, através do "ver também e subdividir como".
- b) Agrupamentos: reunir os diversos aspectos de um assunto, em uma notação mais breve e genérica, evitando a dispersão.
- c) Integrações: na ausência de notações específicas para determinados conceitos, ocupam-se números vagos, dentro da tabela. É o caso de se dar uma notação para Aids, contaminação am-

biental ou a inclusão de um novo ministério criado e não existente na tabela.

- d) Combinações: são feitas utilizando-se as notações e demais possibilidades que a própria tabela oferece.

Os questionamentos levantados e soluções propostas pelo autor são procedentes, merecem ser discutidos e refletem a necessidade de se rever as classificações bibliográficas mais utilizadas hoje, tornando-as mais facetadas e mais hierarquicamente arranjadas, como verdadeiros *thesauri*.

No tocante à CDU, essa é a intenção da FID, entretanto é necessário que essas modificações venham com mais rapidez, mais lógica e menos burocracia.

Sebastião de Souza

Técnico em Informação, Departamento de Difusão da Informação (DDI)/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

Recuperação da informação

INFORMATICS 10: prospects for intelligent retrieval. King's P. Jones. *Proceedings*. London, ASLIB, 1990. 351 p.

As conferências do ASLIB Co-ordinate Indexing Group que eram publicadas no *ASLIB Proceedings* evoluíram para conferências na área de Informática, refletindo a mudança de interesse de seus membros.

A INFORMATICS 1 foi realizada em 1973, mas só a partir de 1978 é que o grupo transformou-se em "Grupo de Informática". Todos os trabalhos resultantes dessas reuniões têm sido publicados como partes de uma série de conferências, com exceção do INFORMATICS 4, cujos *papers* foram publicados no *Journal of Informatics*, v. 1, n. 1-2, 1977.

A *INFORMATICS 10: prospects for intelligent retrieval* é o resultado da reunião do ASLIB Informatics Group e do Information Retrieval Group, este da British Computer Society. O encontro foi realizado no King's College, em Cambridge, de 21 a 23 de março do ano de 1989 e teve co-

mo tema geral a informática na recuperação da informação, no que diz respeito a expectativas futuras, incluindo 17 trabalhos que versam sobre linguagem natural, vocabulários controlados, sistemas de recuperação da informação, avaliação, algoritmos, processamento de bases de dados relacionais etc. Inclui também relatórios das sessões plenárias perfazendo um total de 25 trabalhos.

É uma publicação interessante para acompanhamento e atualização, sendo indicada para profissionais da área de informática e da de informação, principalmente aqueles envolvidos diretamente com a recuperação da informação.

Elza Maria Ferraz Barboza

Secretaria da Ciência e Tecnologia - SCT/PR
Brasília, D. F.

Comercialização da informação

M. MARBÁN, Rocio. *Comercialización de información*. Guatemala, OEA/ICAITI, 1990. 85 p. (DI - 91 - 005).

Um grande número de unidades de informação sempre tem se deparado com problemas relativos a que serviços poderiam interessar aos usuários, de que maneira poderiam prestar tais serviços, como divulgá-los para que atingissem maior número de usuários.

Para responder a tais questões, o autor discorre didaticamente sobre o tema comercialização (que não deve ser confundido com vendas), tratando-o desde sua conceituação, passando depois por sua planificação, ou seja, estudo de mercado, não esquecendo da clientela, da competitividade, da resposta do ambiente externo, dos produtos e serviços, dos preços, da distribuição, do pessoal; da comunicação, promoção e vendas; da avaliação e controle, e, finalmente, tece comentários alertando para os perigos da comercialização. Embora ela possa trazer elementos valiosos para que o trabalho de informação se torne mais eficaz para atingir seus objetivos, não se deve esperar que a comercialização vá resolver todos os problemas e,

com isso, passar a aplicá-la de forma indiscriminada. Na hora de decidir que serviços deverão estar disponíveis e para qual usuário eles se destinam, é recomendado que não seja aplicado unicamente um critério de rentabilidade, pois corre-se o risco de que certos serviços considerados essenciais desapareçam por não alcançarem o lucro desejado.

A obra não pretende ser um trabalho exaustivo sobre comercialização, mas apenas apresenta uma síntese dos elementos essenciais sobre o tema, servindo de roteiro para aqueles profissionais que necessitam de estudá-lo com maiores detalhes. Inclui bibliografia específica e também relação das publicações da OEA/ICAITI na área de informação.

Elza Maria Ferraz Barboza

Secretaria da Ciência e Tecnologia - SCT/PR
Brasília, D.F.

Manual de Referência mini/micro CDS/ISIS

Planejamento Visual: Carlos T.D. Brasil

A versão 2.3, em português, do **Manual de Referência Mini/micro CDS ISIS** está à disposição dos usuários do **Micro/ISIS no IBICT**.
Preço: Cr\$ 30.000,00

Endereço:
Setor de Comercialização do IBICT
SAS, Quadra 5, Lote 6, Bloco H
70070 Brasília, DF
Tel. (061) 217-6181 - Telex: 2481 CICT BR
Fax: 226-2677

Confederação Nacional da Indústria (CNI)
Departamento de Assistência à Média e Pequena Indústria (DAMPI)

Brasília
1991